

Apresentação

Presentation

Patrícia Cristine Hoff
Coordenadora Editorial

Guilherme Mautone
Editor | Filosofia

Lauro Iglesias Quadrado
Editor | Literatura

Paula Trusz
Editora | Artes Visuais

É com satisfação que anunciamos o lançamento de mais uma edição da **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, composta por artigos, uma resenha e um ensaio visual. As submissões reunidas neste número são fruto de chamada aberta e temática livre, reafirmando o compromisso da revista com a interlocução entre diferentes campos do conhecimento e com a promoção de debates que atravessam a filosofia, a literatura, as artes e suas múltiplas zonas de contato.

Agradecemos a todas as pessoas autoras que confiaram à **Revista PHILIA** a publicação de seus estudos. É um contentamento integrar os processos de circulação e difusão das pesquisas produzidas nos ambientes acadêmicos, oferecendo um espaço de interlocução capaz de ampliar o alcance das reflexões aqui apresentadas.

Estendemos também nossos agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram para que esta edição se tornasse possível. Destacamos o trabalho dos pareceristas, cuja leitura criteriosa e dedicação ao processo avaliativo são fundamentais para a manutenção do rigor científico e da qualidade editorial dos textos publicados. Agradecemos igualmente à equipe de editores de seção, que atua na mediação entre diferentes áreas do conhecimento e na seleção de pareceristas adequados a cada submissão, considerando tanto as especificidades temáticas quanto as redes de pesquisa que constituem os campos de estudo.

Reconhecemos, ainda, o trabalho da equipe de revisão, responsável pela leitura atenta dos manuscritos e pela construção de um resultado editorial coeso.

Por fim, ressaltamos que a sustentação dos periódicos acadêmicos brasileiros depende, em grande medida, do trabalho coletivo de pessoas que dedicam tempo, conhecimento e esforço a essas atividades, muitas vezes sem qualquer forma de remuneração. Reconhecer esse cenário significa também reafirmar a importância da colaboração como princípio que possibilita a continuidade e o fortalecimento da produção científica e cultural.

Abrindo esta edição, Alice Silveira da Silva investiga a permanência do trágico para além dos limites da tragédia enquanto gênero literário. Em **A sobrevida do trágico em *O Morro dos Ventos Uivantes***, a autora propõe uma leitura do romance de Emily Brontë a partir das formulações teóricas de Lesky e Szondi, identificando na narrativa elementos como o destino inexorável, os conflitos inconciliáveis e a atuação de forças destrutivas. Ao demonstrar como o trágico se reconfigura no interior do romance moderno, o artigo contribui para a compreensão das transformações históricas dessa categoria estética e de sua persistência na literatura.

Ainda no campo dos estudos literários, Ana Paula Almeida Bezerra Barros, Alana de Oliveira Freitas El Fahl e Tércia Costa Valverde analisam as relações entre memória e identidade na obra de Cora Coralina. Em **Poesia em tachos de cobre: memória e identidade em textos selecionados de Cora Coralina**, as autoras examinam como as experiências da infância, os vínculos com a cidade de Goiás e a articulação entre os ofícios de doceira e poeta constituem aspectos centrais da escrita coraliniana. O artigo evidencia os modos pelos quais a memória opera como elaboração subjetiva e coletiva, articulando trajetórias individuais a experiências sociais mais amplas.

As relações entre literatura e identidade cultural também orientam o trabalho de Amosse Jorge Gelo e Tércia Costa Valverde. Em **Adelino Timóteo: trânsitos biográficos e peculiaridades na construção da narrativa *Mulungu***, os autores propõem uma leitura da obra do escritor moçambicano a partir do diálogo entre elementos biográficos e aspectos formais da narrativa. Ao destacar a presença de termos de origem bantu, de práticas rituais, mitos e manifestações da oralidade, o estudo evidencia a construção de uma estética vinculada às matrizes culturais moçambicanas e às formas de resistência inscritas na experiência coletiva.

Deslocando a discussão para o campo dos estudos da tradução, Carmem Druciak e Dayane Cristine Cabral Mendes refletem sobre os desafios envolvidos na tradução de textos acadêmicos dedicados a Christine de Pizan. Em **Reflexões sobre a tradução de especialidade e possíveis traços feministas em textos sobre Christine de Pizan**, as autoras analisam escolhas tradutórias relacionadas à marcação de gênero em língua francesa, discutindo a tradução não apenas como prática linguística, mas também como possibilidade de valorização de produções historicamente marginalizadas. O artigo ressalta o potencial crítico do ato tradutório na circulação e reavaliação de textos escritos por mulheres.

A interlocução entre filosofia e literatura ganha centralidade no artigo de Diego Lock Farina. Em **Querer a fuga, não o que foge: Jacques Derrida e o acontecimento literário**, o autor investiga a noção derridiana de acontecimento e suas implicações para a compreensão da experiência literária. Mobilizando conceitos como *différance*, rastro, escritura e desconstrução, o estudo problematiza a impossibilidade de apreensão plena do acontecimento, concebendo a literatura como espaço privilegiado para pensar aquilo que resiste à representação e às tentativas de estabilização do sentido.

Na sequência, Emiliano Costa e Felipe Maciel Xavier Diniz voltam-se para as transformações contemporâneas da experiência audiovisual. Em **Cultura do streaming e individualismo na hipermodernidade**, os autores examinam as relações entre os dispositivos digitais de acesso ao audiovisual e os modos de subjetivação característicos da hipermodernidade. A partir das contribuições teóricas de Gilles Lipovetsky, Parente e Carvalho, o artigo discute como a cultura do *streaming* reconfigura práticas de consumo, formas de espetatorialidade e processos de produção cinematográfica, sem desconsiderar a permanência de experiências coletivas associadas à sala de cinema.

Já Fernanda Soares da Rosa dedica-se à trajetória do artista Claudio Goulart e à remontagem de sua videoinstalação **Night and Day (I think of you)** na 14ª Bienal do Mercosul. Ao recuperar aspectos da atuação do artista brasileiro nos Países Baixos e refletir sobre os processos de preservação e circulação de sua produção, o texto contribui para o debate sobre memória, historiografia da arte e os deslocamentos que constituem as práticas artísticas contemporâneas.

As reflexões sobre imagem e experiência prosseguem no artigo de Igor Costa do Nascimento, **A dificuldade da fotografia: notas para uma**

ontologia da fotografia com Cavell e Diamond. A partir do diálogo entre Stanley Cavell e Cora Diamond, o autor investiga as tensões ontológicas suscitadas pela imagem fotográfica, especialmente no que diz respeito à presença simultânea da permanência e da ausência. Ao relacionar fotografia, finitude e dificuldade da realidade, o texto propõe uma reflexão sobre as formas pelas quais as imagens participam de nossas experiências de perda, luto e memória.

A literatura contemporânea retorna ao centro do debate no artigo de Jeison Karnal da Silva, **Do homem-sanduíche ao pornoflâneur de Pornopopéia.** Partindo das formulações de Walter Benjamin acerca da figura do *flâneur*, o autor examina a transformação desse arquétipo na narrativa de Reinaldo Moraes. A análise evidencia como a exposição do corpo, o voyeurismo e a experiência narcotizada da cidade configuram uma subjetividade atravessada pelas dinâmicas do capitalismo tardio, convertendo o pornoflâneur em sintoma das tensões que marcam a vida urbana contemporânea.

As questões relativas às experiências femininas são retomadas por Leonardo Pinto dos Reis e Antônia Sales em **Entre Brasil e Coreia do Sul: a subjetividade feminina em “Os laços de família” e Identical Apartments.** A partir de uma abordagem comparatista que articula crítica literária feminista e psicanálise, os autores aproximam as obras de Clarice Lispector e Park Wan Seo, investigando os modos pelos quais suas personagens negociam expectativas sociais, processos de subjetivação e relações de alteridade. O estudo demonstra que, apesar das especificidades históricas e culturais de cada contexto, determinadas experiências vinculadas à condição feminina revelam aproximações significativas.

Em perspectiva igualmente comparatista, Luca Barreiro Lopes de Almeida e David Bélanger propõem, em **Le roman comme dépense : l'économie narrative à l'épreuve de Denis Diderot et de Jean Echenoz,** uma investigação sobre os modos pelos quais a narrativa administra a produção da verossimilhança. Ao aproximarem obras separadas por diferentes temporalidades, os autores discutem as relações entre arbitrariedade, acaso e motivação narrativa, evidenciando como determinadas formas romanescas desafiam modelos tradicionais de organização do sentido e da economia ficcional.

As questões metodológicas que atravessam a história da filosofia constituem o foco do artigo de Luciano Bode, **Del texto al contexto: comentarios metodológicos en torno al contextualismo.** Dialogando



com autores como Quentin Skinner e Richard Rorty, o texto discute possibilidades de leitura historiográfica capazes de articular reconstrução histórica e pertinência filosófica contemporânea. Ao enfatizar a importância dos contextos de produção e das forças ilocucionárias dos textos, o autor contribui para reflexões sobre a ampliação do cânone filosófico e a incorporação de tradições frequentemente marginalizadas.

As relações entre memória, escrita e constituição do sujeito reaparecem no artigo de Ludine Alves, **Cena de leitura, cena de escrita: autobiografemas em *Em breve cárcere*, de Sylvia Molloy**. Mobilizando os conceitos de autobiografema e obliquação, a autora examina como experiências fragmentárias são elaboradas na narrativa por meio de cenas de leitura e escrita. O estudo destaca a dimensão ambígua do romance, situado entre o ficcional e o autobiográfico, e evidencia a escrita como espaço de busca, invenção e negociação com a própria memória.

A articulação entre literatura, filosofia e teoria da imagem orienta também o trabalho de Luiz Eduardo Andrade, **Artifício, sedução e estranhezas no universo de Borges**. A partir do conto "Tlön, Uqbar, Orbis Tertius", o autor investiga como Borges mobiliza procedimentos de duplicação, artifício e deslocamento para tensionar as fronteiras entre realidade e imaginação. Em diálogo com Rosset, Baudrillard e Freud, o artigo sugere que a potência da ficção borgiana reside precisamente em sua capacidade de instaurar formas de estranhamento que transformam nossa relação com o real.

As tensões entre arte, política e economia são exploradas por Michele Medina em **Fetiches críticos: práticas artístico-curatoriais para desmascarar o capitalismo**. Tomando como objeto obras de Teresa Margolles e Santiago Sierra, a autora discute os limites e as possibilidades da curadoria crítica diante das dinâmicas do capitalismo contemporâneo. O texto evidencia como determinadas práticas artísticas tornam visíveis formas de violência estrutural e exploração, ao mesmo tempo em que reconhece as ambiguidades inerentes à inserção dessas propostas no circuito institucional da arte.

Encerrando a seção de artigos, Tiago Cravidão apresenta, em **A arte da boa morte mediada pelo cinema: a hipótese de um gênero**, uma reflexão acerca das representações do fim da vida no cinema. Ao aproximar conceitos como efeito-câmara e fabulação das recomendações presentes na

tradição da *Ars Moriendi*, o autor propõe pensar determinadas obras cinematográficas como mediações contemporâneas das práticas da boa morte. O artigo destaca, ainda, as implicações éticas e formais desse processo para os sujeitos filmados e para os próprios modos de realização cinematográfica.

A seção de resenhas conta com o texto de Dóris Dias dos Santos, dedicado à obra *Venus*, de Suzan-Lori Parks. Em **Suzan-Lori Parks's *Venus*: An Intersectional Analysis**, a autora apresenta ao leitor uma reflexão sobre as persistências do racismo e de outras formas de opressão para além dos marcos históricos do colonialismo e da escravidão. A resenha evidencia a atualidade das discussões propostas pela dramaturga estadunidense.

Por fim, a edição se encerra com o ensaio visual **1 conto e 36 ondas ou 13140 esquecimentos**, de Joana Aparecida da Silveira do Amarante. Por meio da justaposição entre imagem e escrita, a artista constrói uma narrativa atravessada por fragmentos do cotidiano, lapsos de memória, repetições e afetos que insistem em retornar. Entre a rotina e o estranhamento, o ensaio elabora uma experiência marcada pela tentativa de organizar aquilo que escapa à linearidade dos acontecimentos, convidando o leitor a acompanhar os deslocamentos sutis entre presença, ausência e esquecimento.

Os trabalhos reunidos nesta edição evidenciam a diversidade de perspectivas teóricas, metodológicas e estéticas que atravessam os campos da filosofia, da literatura e das artes. Embora mobilizem objetos distintos — do romance oitocentista à cultura do *streaming*, das práticas curatoriais à autobiografia, da fotografia ao cinema —, os textos aqui publicados compartilham o interesse em investigar as formas pelas quais os sujeitos produzem sentidos, elaboram experiências e interrogam criticamente as condições históricas de sua existência. Esperamos que as reflexões apresentadas contribuam para o fortalecimento do diálogo interdisciplinar e incentivem novas leituras, pesquisas e interlocuções no interior e para além da universidade.

Desejamos uma excelente leitura do mais novo número da **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte!**